

Dieese derruba argumento da Fiesp

A Proposta de Emenda Constitucional, que prevê a redução da jornada de 44 para 40 horas semanais, causou pânico no meio empresarial. No mesmo dia, quarta-feira (9), em que as seis centrais se reuniram com o presidente do Congresso, Michel Temer, os empresários tomaram a frente para impedir qualquer mudança nas leis trabalhistas.

A posição do presidente da federação patronal, Paulo Skaf, corresponde à resistência histórica dos capitalistas à medida e já era esperada. Em 2009, no início da crise econômica mundial ele propôs que os trabalhadores assinassem acordos com redução de jornada e redução

de salário como forma de saída para crise.

O Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), que estuda o tema há algum tempo, lançou uma nota à imprensa que derruba o falso argumento de que a redução não é boa para os trabalhadores e para o Brasil. Segundo o texto, a proposta de redução da jornada para 40 horas semanais, associada à coibição das horas extras, pode gerar mais de 2,5 milhões de postos de trabalho. O custo do trabalho no Brasil é baixíssimo em comparação com outros países e o impacto da medida sobre os custos totais da indústria seria inferior a 2%.

Brasil não pune lavagem de dinheiro

Materia publicada no jornal Folha de São Paulo mostrou que o Brasil não consegue combater e punir um tipo de crime que une traficantes de drogas, corruptos e criminosos de colarinho branco - a lavagem de dinheiro.

De acordo com a avaliação do principal órgão internacional que sugere e monitora políticas contra a lavagem de dinheiro e o financiamento ao terrorismo, o Grupo de Ação Financeira (Gafi), faltam leis, disposição das autoridades para sequestrar bens comprados com dinheiro ilícito e preparo dos tribunais superiores para tratar o tema com a complexidade que ele requer.

A lavagem ocorre quando recursos obtidos ilegalmente ingressam no mercado com aparência legal.



Trabalho na base

Nas últimas semanas, os diretores do Sindicato dos Bancários, dando continuidade ao trabalho de base, estiveram presentes nas agências que compõem a área territorial do Sindicato. Ao todo, já foram visitadas 20 cidades. Nessas viagens, os diretores buscam interagir com os bancários, levando informações da categoria.

No Trocando Ideias dessa semana, os diretores falam da importância dessas viagens.



Delson Coêlho,
Presidente do SEEB
Conquista e Região

Nosso trabalho de base é a parte mais importante das nossas atividades permanentes. É nesse instante que podemos coletar os anseios e vontades dos trabalhadores bancários; podemos levar as nossas ideias e posições que formulamos, a partir de discussão regionais e nacionais, fazendo um grande ciclo de debates, onde as propostas são analisadas, equacionadas e por fim negociadas com os patrões. As demandas deste ano de mais destaque são atinentes a segurança. No caso do fechamento da agência de Ibicuí, concordamos com a decisão do Banco do Brasil pelo fechamento da dependência. Salientamos, contudo, que a segurança, apesar de ser responsabilidade do Estado, deve ser exigida também pela sociedade civil organizada, ou seja, bancos, comerciantes, sindicatos e outras entidades representativas.

Não concordamos que o BB esqueça sua principal função social, de inclusão social do crédito para promoção da melhoria da qualidade de vida das pessoas. Toda comunidade precisa de um banco que atenda as suas demandas. A intermediação financeira, ainda que por meio do setor público, deve ser realizada in loco, pois esses agentes tem a obrigação de saber o que é necessário ao desenvolvimento regional.

Houve um período que o BB fechou sua agência em Iguai, ficando operando na cidade apenas a do Bradesco. O clamor da população desassistida fez com que o BB revisse a sua decisão e reabrisse a agência.

Temos que lutar por mais empregos, mas lutamos ainda pela inclusão social das pessoas e isso somente pode ser feito com disponibilização de crédito a custos baixos.

Lirânio Fernandes,
Secretário Geral do
SEEB Conquista e Região



São nas visitas que fazemos às agências das cidades de nossas bases que temos a oportunidade de escutar os anseios da categoria, debater e tirar propostas tanto de negociações com os patrões, como de lutas para o sindicato.

Um ponto marcante, não sei se é como pensa e sente os bancários, mas sinto como se eles estivessem "abandonados à própria sorte", como se as cidades fossem o recanto do mundo e o último a serem visitados, menos pelos bandidos que aterrorizam estes lugares e que tem levado vantagens com as péssimas condições de acesso a elas, o que dificulta uma ação ostensiva por parte da polícia.

A segurança local é precária. Falta mais atenção por parte dos governos estadual e federal, com políticas de desenvolvimento regional, melhorias dos municípios, pavimentação das estradas dando a todos condições de se locomoverem com segurança.

No Banco do Brasil, existem funcionários que trabalham em determinado lugar e residem em outro, mas, devido a distância e as estradas horríveis, preferem morar nas localidades onde trabalham, deixando às vezes de freqüentar uma universidade em outro centro ou até mesmo enfrentando uma verdadeira maratona buscando melhorar as condições de vida para eles mesmos e para os seus filhos, sem falar nas condições de saúde, de emprego e outras necessidades. O mesmo serve para os funcionários do Bradesco, que além de terem todas estas mesmas dificuldades, o banco ainda põe em risco a vida dos mesmos ao não instalar portas eletrônicas, que apesar de não inibir a ação de marginais, com certeza, dificultam as suas ações. Enfim, é um Brasil de muitos, mas explorado por poucos.

O Piquete Bancário

Boletim Informativo do Sindicato dos Bancários de Vitória da Conquista e Região - CTB

Ano XXIII - nº 990 - Quinta-feira - 18/02/2010

Banco do Brasil

Bancários realizam primeira negociação específica com o banco

A Contraf realizou na semana passada a primeira reunião da mesa de negociação permanente com o Banco do Brasil, em cumprimento do Acordo Aditivo à Convenção Coletiva de Trabalho 2009/2010. O objetivo foi discutir questões do cotidiano e problemas das condições de trabalho que não precisam esperar para serem resolvidos na Campanha Salarial.

Na ocasião foram tratados temas como reestruturação da dívida de funcionários, novas contratações, Comissão de Conciliação Prévia, termo de responsabilidade para uso dos sistemas de informação do banco, Campanha "Ouro a mais", Combate ao assédio moral, PLR, plano odontológico, dentre outros assuntos.

Veja o que foi debatido sobre alguns temas:

Campanha "Ouro a mais" - Mais um instrumento de acompanhamento e ranqueamento de metas. Antecipações de metas previstas no Acordo de Trabalho (ATb) contribuem para situações de assédio moral contra os funcionários.

Assédio moral - Os representantes do banco foram questionados sobre o lançamento da cartilha de assédio moral e a não criação ainda dos Comitês de Gestão da Ética, previstos no acordo coletivo de 2009. O BB informou ainda que está enviando uma cartilha de assédio moral diretamente a cada funcionário e que na composição dos Comitês haverá representantes da Ajure, Gepes, Super e um eleito dos funcionários, mas não há definição alguma sobre o Comitê Nacional. A Comissão de Empresa solicitou que nessa instância haja um representante do movimento sindical.

PLR - O lucro do banco será anunciado em 25 de fevereiro,

Mais:

Editorial
Enfim, 2010
começará

Página 2

A conquista da
jornada de 6 horas

Página 3



Trabalho na base

Página 4



A reunião aconteceu na semana passada

com previsão para distribuição de dividendos em 10 de março.

Plano Odontológico - A representação do banco disse não estar autorizada a dar informações sobre a formatação ou novo prazo para implantação do Plano Odontológico, mas prometeu apresentar o mais breve possível.

Calendário de mesas de negociação

Previdência: 24 de fevereiro

Terceirização: 24 de fevereiro

Saúde e Condições de Trabalho: 25 de fevereiro

Remuneração (PCCS): 3 de março

Incorporação: 3 de março

Editorial

Enfim, 2010 começará

Fim das férias no Brasil. Na Bahia, em cidades onde ainda tem Micareta, as férias continuam até depois da Semana Santa. Depois disso, 2010 começa pra valer. Copa do Mundo e Eleições darão a tônica dos discursos.

No Carnaval, Arruda dividiu a mídia. Engraçado é que no Carnaval da Bahia sempre tem muita arruda e água de cheiro. O outro Arruda se metia com o nosso cacique mor, ACM, desde o painel do Senado, a mando e comando de FHC. A vez desse chegou; ACM se submete a Justiça Divina.

Enfim, mais um carnaval se passou. Conquista somente ficou sabendo pela televisão, já que aqui não tem as comemorações momescas, o rei (Momo) não autoriza a folia e nem recebeu as chaves da cidade este ano. Numa crônica oportuna, de um bancário aposentado, Ezequiel Sena, "DAS MORTALHAS AOS ABADÁS-INGRESSO", ele narra que o Carnaval conquistense era realizado pelos clubes da cidade, mas os desfiles durante o dia era organizado pela prefeitura: "...emergia entre as ruas D. Pedro II e Sete de Setembro – o trecho mais libertino do percurso – seguia para a Praça Barão do Rio Branco fazendo ouvir seus triângulos, chocalhos, tambores, atabaques, pandeiros, violão e a sanfona no compasso da marchinha que lhe emprestara o nome 'Quebra, quebra, gabiraba', a animação chegava ao seu esplendor com a tradicional lavagem do beco pelos grupos afros...", afirma Ezequiel (Seu Zica).

Hoje o folião Conquistense, se quiser folia, faz festas nos quintais das suas casas, com portões trancados, pois a polícia... bem, polícia tava na capital relaxando no axé. Citando outra vez Sena, "resta agora, para os que trazem dentro de si a magia foliã, o desafio de se deslocar para outras cidades enquanto há tempo, até porque os valores culturais sistematicamente estão desaparecendo".

Com o "início" do ano brasileiro, precisamos acordar mais cedo para que possamos estar mais vigilantes e atentos para que retrocessos não ocorram. Nós, os bancários, desde janeiro iniciamos nossas tratativas negociais com os banqueiros. Precisamos avançar e manter os nossos direitos adquiridos. Vamos à luta.

EXPEDIENTE

Boletim Informativo do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Vitória da Conquista e Região - CTB. Delson Coelho, Presidente; Eduardo Moraes, Diretor de Comunicação; Rua Dois de Julho, 122 - Centro - Vitória da Conquista - CEP 45.020-020 - Bahia. Fone/Fax: 77 3424-1620 - e-mail: opiquete@bancarios.com.br

Home page: www.bancarios.com.br

As matérias assinadas não são de responsabilidade do Sindicato dos Bancários

Entrevista

"Os bandidos estão cada vez mais ousados"



Celso Argolo, Presidente do SEEB Jequié

Em 2009, a Bahia ocupou tristemente o 1º lugar no ranking de assaltos a bancos. Esse ano não começou diferente. Com ações cada vez mais arrojadas, bandidos invadem cidades e agências bancárias com um forte armamento, gerando pânico entre a população e os trabalhadores.

Em entrevista, o presidente do Sindicato dos Bancários de Jequié e Região, Aldemir Celso Andrade Argolo, fez um raio-x do problema.

O Piquete Bancário - Como vê a questão da segurança na Bahia?

Celso Argolo - Vejo com bastante preocupação. Fazemos uma análise de que em período eleitoral a onda de assalto a bancos aumenta significativamente. Também, os bandidos estão cada vez mais ousados: chegam nas cidades aterrorizando a população. Há uma repressão da polícia nos grandes centros, a exemplo do Rio de Janeiro e São Paulo, e com isso parece que as quadrilhas que antes atuavam nessas cidades estão "subindo" para o Nordeste e agindo no interior dos Estados.

Percebemos a fragilidade da segurança pública na Bahia, o que tem permitido a atuação de marginais, que tomam de assalto as residências dos bancários, colocam as suas famílias como refém para realizar o assalto no dia seguinte. Isso nos deixa com muita preocupação porque nunca sabemos o que pode acontecer. Aparentemente, parece que não há agressões físicas, mas existe uma forte agressão mental que perdura por muito tempo. Psicologicamente, os bancários vítimas ficam marcados por resto de suas vidas por essa invasão de marginais em seus locais de trabalho e a própria residência. Isso nos deixa muito preocupado.

- Esse ano, já houve assaltos na região de Jequié?

- Só esse ano, na região já tivemos assaltos nas agências de Ibirataia, Jaguaquara, Lajedo do Tabocal e Itaquara. Nessas ações não foi como em Armagosa, onde bandidos fortemente armados entraram na cidade atirando para todos os lados, pegando os municipais para se proteger da Polícia. Agora, tememos que essa mesma situação possa acontecer em outras cidades do interior.

Temos observado que o governo do Estado tem encontrado dificuldades para poder garantir um efetivo maior de policiais. Nesse período de carnaval é ainda pior, pois há o deslocamento de policiais do interior para a capital e outras cidades onde há festas. Os municípios onde não ocorre carnaval fica desprovido de policiamento.

- O que o Sindicato tem feito para melhorar a segurança em sua base?

- Temos procurado acionar outros segmentos da sociedade civil organizada e conselhos comunitários para pressionar a implantação de câmeras de monitoramento nas cidades. Em Jequié, apenas quatro foram instaladas, de um projeto de 18. Infelizmente, o executivo municipal não tem dado apoio para podermos concluir a instalação dessas câmeras, que servirá para a Polícia Militar agir de forma mais precisa para inibir ações de marginais. Também, queremos acionar a Polícia Federal porque esses marginais estão vindo de outros Estados e ainda devem ter ligações com o narcotráfico, que também precisa ser coibido para que possamos diminuir essa violência.

- A segurança é bem mais precária nas cidades de menor porte...

- Com certeza. Observamos que existem municípios que só possuem dois policiais e enquanto um está folgando, outro trabalha. Então, um município com 16 mil habitantes que possui apenas dois policiais fica difícil inibir as ações dos bandidos. Por isso acionamos a Federação dos Bancários da Bahia e Sergipe para que haja um debate sobre segurança e a Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB) para que se possa agendar uma reunião com o Secretário de Segurança para podermos encontrar um meio de fazer com que o Estado possa garantir mais segurança nos municípios.

Nossa História

A conquista da jornada de 6 horas

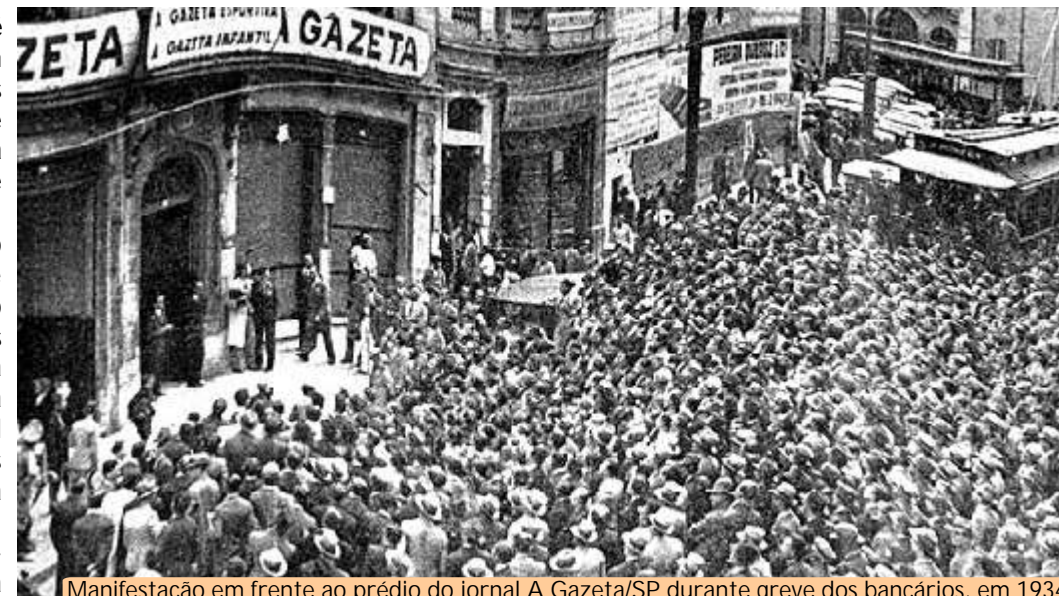
A jornada de seis horas dos bancários é uma conquista histórica da categoria. Em novembro de 1933, os bancários conseguiram a redução da jornada de trabalho para seis horas, devida principalmente à grande incidência de tuberculose à época.

Na ocasião, houve uma mobilização nacional e bancários de todos os estados se engajaram na campanha do "horário higiênico" e ameaçaram paralisar suas atividades caso não houvesse a redução da jornada. Pareceres médicos respaldavam a medida dizendo que ela era fundamental para a melhoria da saúde dos trabalhadores desse ramo, que na ocasião sofria com a alta incidência de tuberculose e neurose. Pressionado, o governo assina o Decreto-Lei 23.322, fixando em 6 horas a jornada da categoria, com 36 horas semanais.

Em 1957, a categoria garante as seis horas semanais corridas. Em 1985, o artigo 224 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) ganha a seguinte redação: "A duração normal do trabalho dos empregados em bancos, casas bancárias e Caixa Econômica Federal será de seis horas contínuas nos dias úteis, com exceção dos sábados, perfazendo um total de trinta horas de trabalho por semana".

Burla - Hoje, os bancos, sejam eles públicos ou privados, tentam destruir essa conquista ludibriando os bancários com os "falsos comissionamentos".

De acordo com a legislação, existem duas condições para que o bancário que trabalhe além da sexta hora não tenha direito a hora extra: o exercício de uma função de confiança e a contraprestação econômica não inferior a um terço do salário do cargo efetivo,



Manifestação em frente ao prédio do jornal A Gazeta/SP durante greve dos bancários, em 1934

cumulativamente. Infelizmente, não é isso que acontece atualmente no interior das agências.

Os gestores, para fugirem do pagamento das horas extras, distribuem "funções de confiança". Porém, a simples nomenclatura não se configura a função, que deve ser comprovada de forma inequívoca com um nível diferenciado de responsabilidade e confiança especial do banco para com o funcionário. O fato de o empregado exercer função altamente técnica, que se demonstre imprescindível às atividades da empresa, ou que tenha acesso a informações administrativas, também não configura a fidedignidade especial do cargo de confiança.

Está na Lei - De acordo com o parágrafo segundo do artigo 224 da CLT, a jornada de seis horas não se aplica aos que exercem funções de direção, gerência, fiscalização,

chefia e equivalentes, ou que desempenhem outros cargos de confiança, desde que o valor da gratificação não seja inferior um terço do salário do cargo efetivo

Os bancários precisam ficar atentos aos seus direitos e não devem aceitar qualquer ato que infrinja a lei. Aqueles que cumprem jornada de oito horas, mesmo que remunerados com gratificação, mas sem configurar função de confiança, terão por direito haver da instituição financeira as horas excedentes à sexta, adicionadas do percentual de cinquenta por cento.

A jornada de 6 horas, além de ser uma conquista histórica, foi fundamentada na saúde do trabalhador bancário, que nos dias de hoje sofre com problemas relacionados às LER-DORT e com males provocados pelo Assédio Moral - stresse, síndrome do pânico, hipertensão, doenças cardiovasculares, entre outras.

acontece a primeira greve de bancários da história, iniciada em Santos, pelos funcionários do Banespa que reivindicavam melhorias salariais e das condições sanitárias, pois, havia grande incidência de tuberculose à época.

1932

bancários conquistam a redução da jornada de trabalho para seis horas

1933

é promulgada a CLT

1943

a categoria garante as seis horas semanais corridas

1957

nova redação da CLT

1985

Itaú Unibanco

150 agências em 2010

O Itaú Unibanco anunciou a intenção de abrir 150 novas agências em todo o país neste ano, em especial no Nordeste e no Centro-Oeste. Também informou que decidiu não fechar agências de nenhuma das marcas, mesmo que elas estejam localizadas em locais próximos.

A notícia, no entanto, contrasta com dados apresentados no balanço do banco, que dão conta do fechamento de 7.176 postos de trabalho em 2009. Após a fusão, o banco tinha 108.816 trabalhadores em dezembro de 2008 e um ano depois reduziu para 101.640.

Sindicato dos Bancários na Internet

www.bancarios.com.br

Acese e fique bem informado!